

Na Pauta: inclusão e inteligência artificial

É com um misto de alívio e alegria que publicamos a segunda edição de 2022 da **Revista Pauta Geral – Estudos em Jornalismo**. Com ela, finalmente colocamos em dia o fluxo editorial e agora podemos concentrar todos os esforços para o futuro. Conforme já explicado na edição anterior, a publicação passa por um processo de reestruturação da equipe responsável. Até aqui, houve todo um trabalho para, primeiro, colocar os artigos enviados no ano passado em dia (missão concluída) e, tão importante, garantir a viabilidade das edições futuras. Um exemplo disso está no dossiê *Jornalismo e Decolonialidade*, em fase de desenvolvimento, que deverá ser publicado até o final do próximo de junho.

Enquanto os primeiros frutos de 2023 não são publicados, nesta edição trouxemos dois textos. No primeiro artigo, intitulado “*Conta a mãe*”, “*explica a irmã*”, “*disse o pai*”: *a fala Down negada no jornalismo*, os pesquisadores Felipe Collar Berni e Alberto Efendy Maldonado procuram, a partir de reportagens publicadas em 2021 nos sites dos veículos jornalísticos *El País Brasil*, *Revista Veja*, *UOL* e *G1*, compreender traços apropriados pelo jornalismo para retratar pessoas com síndrome de Down. Valendo-se da ideia de *cidadania comunicativa*, eles observam a naturalização nas publicações do capacitismo — uma forma de discriminação contra pessoas com deficiência (PCDs) que, segundo o texto, “posiciona a deficiência como algo negativo, ou seja, se nutre da opressão e do preconceito para diminuir e descartar o corpo deficiente”. Para evitar o reforço a estereótipos, os autores compreendem a necessidade de construir exatamente um jornalismo anticapacitista que, ainda segunda a avaliação dos pesquisadores, contemple tanto a inclusão, acolhimento e representação de PCDs no processo comunicacional quanto produza conteúdos que também sejam potencialmente consumíveis por essa parcela da população.

Na sequência, a pesquisadora Regina Zandomênic, em *Inteligência Artificial e Jornalismo: implicações na redação de notícias e na aquisição do conhecimento*, apresenta os resultados de uma pesquisa exploratória em andamento que procura confrontar as notícias automatizadas, isto é, aquelas produzidas por Inteligência Artificial (IA), com a noção de jornalismo como forma de conhecimento. Para tanto, a autora embasa o estudo nos teóricos Park (1940), Genro Filho (1987), Meditsch (1998), Van Dijk (2005), Franciscato (2008) e Nielsen (2017). Em diferentes fases, cada um desses

autores busca compreender o jornalismo enquanto fenômeno social. Ao término, a autora busca demonstrar lacunas (ainda?) existentes nos modelos de redação automatizada que se baseiam em inteligência artificial. Se a possibilidade de trabalhar rapidamente com uma grande quantidade de dados é um atrativo da tecnologia, por outro lado, a incapacidade de aprofundar e interpretar informações somada impossibilidade de ir a campo são lacunas que demonstram a necessidade de pensar, para além da substituição de jornalistas por máquinas, a integração dos dois modelos. Nesse sentido, o papel do repórter, como testemunha dos fatos do mundo concreto, mantém-se fundamental.

Desejamos uma ótima leitura.